



Dois Dedos de PROSA

Nº 79 - Recife/PE - Abril/2015

Cidade e Campo em Marcha por Igualdade

Foto: Marcello Casal Jr.



Marcha das Margaridas reunirá mulheres do campo para reivindicar terra, água, agroecologia, direitos sexuais e reprodutivos. A reforma política também entra na pauta. A Marcha é na verdade por um projeto de sociedade onde a igualdade de direitos seja sua base e a agroecologia uma estratégia para fortalecer a vida no campo e na cidade.

Visite nossa página na internet: www.centrosabia.org.br

A agroecologia precisa chegar às cidades

Um velho lema da luta social afirma: "SE O CAMPO NÃO PLANTA, A CIDADE NÃO JANTA". A frase revela um tanto da relação ente as zonas rurais e urbanas. Agricultores e agricultoras sabem como é importante manter esse encontro entre o campo e a cidade, desde a produção e venda de alimentos a solidariedade nas lutas.

Nos próximos meses, acontecerão atividades unindo o rural e o urbano. Dentre elas encontra-se a Marcha das Margaridas, que acontece em outubro. Mulheres rurais de todo o Brasil marcham por igualdade de direitos e condições de vida e de trabalho dignos. Já em abril, trabalhadores e trabalhadoras Sem-Terra relembram o massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, realizando ocupações em todo o Brasil.

Em Pernambuco, o Centro Sabiá se junta ao Movimento Ocupe Estelita, no Recife, para unir nosso olhar sobre a ocupação do solo, da terra de forma sustentável como necessário para repensar a vida. Traz para o urbano a necessidade de pensar a agroecologia como base de uma construção de sociedade justa, digna e solidária. ■

ANA realiza encontro de planejamento

O objetivo foi de identificar os desafios para a agroecologia no Brasil

Por Assessoria da ANA



Foto: Laudence Oliveira

Em dezembro de 2014, a ANA realizou um seminário regional em Tamararé-PE

Mais de 80 pessoas de todas as regiões do país participaram do Seminário Nacional da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), no final de fevereiro, no Rio de Janeiro. O objetivo do encontro foi planejar as ações da ANA para o ano de 2015, bem como reorganizar as suas dinâmicas internas. Lideranças dos movimentos e redes que compõem a ANA trocaram impressões sobre quais desafios e perspectivas estão postas para a sociedade civil e para a agroecologia no atual cenário político.

De acordo com Flavia Londres, da secretaria executiva da ANA, essa foi uma grande reunião de trabalho com um coletivo amplo de

organizações que fazem parte da ANA e representantes de redes parceiras. "Foi importante aprofundar nossa análise de conjuntura com vista a identificar os desafios e oportunidades para a promoção da agroecologia no Brasil", diz Flavia. O esforço é para avançar nas estratégias de incidência política em rede vendo como a ANA está participando dos espaços democráticos para propor a elaboração e aprimoramento de políticas que levem ao fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica. ■

Saiba mais acessando:
www.agroecologia.org.br

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro Recife/PE – CEP: 50050-080 Fone/Fax (81) 3223.7026/3323|sabiá@centrosabiá.org.br | www.centrosabiá.org.br | DIRETORIA - **Presidente:** Lenir Ferreira Gomes. **Vice-presidente:** Joelma Pereira. **Secretária:** Joana Santos. **Conselho Fiscal:** Alaíde Martins e Tone Cristiano. **COORDENAÇÃO – Coordenador Geral:** Alexandre Henrique Bezerra Pires. **Coordenadora Técnico Pedagógica:** Maria Cristina Aureliano. **Coordenadora Administrativo-Financeira:** Verônica Batista. **EQUIPE DE TRABALHO:** Ana Lúcia, Aniérica Almeida, Antônio Júnior, Caio Menezes, Cecília Tayse, Darlton Silva, Davi Fantuzzi, Dilene Nicolau, Edilene Barbosa, Edgar Caliento, Edineide Oliveira, Eliane Andrade, Ewerton França, Gleidson Amaral, Henrique Luiz, Hesteólivia Shyrley, Iran Severino, Jacinta Gomes, Jackson Helder, Janaina Ferraz, João Alberto, Josineide Oliveira, Julianna Peixoto, Júlio Cesar, Júlio Valério, Jullyana Lucena, Leonardo Moura, Loide Maria, Magno Almeida, Michelly Vidal (estagiária), Miriam Lima, Marconiedson Silva, Natália Porfírio, Nidélia Nogueira, Orlando Iolanda, Pedro Oliveira, Raimundo Daldemberg, Ricardo Góis, Rodrigo Adrião, Roberto Nascimento, Rosana Paula, Sandra Rejane, Valéria Felix, Vânia Luiza, Vilma Machado e Wellington Gouveia. **Projetos Especiais:** Hanna Lopes, Lucas Oliveira, Nilma Carvalho e Ronaldy Dantas. **COORDENAÇÕES LOCAIS: Agreste:** Carlos Magno de Medeiros. **Zona da Mata:** Ana Santos da Cruz. **Sertão:** Rivaneide Almeida. **GERÊNCIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA:** Demetrius Falcão e Pedro Eugênio. **NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO:** Laudence Oliveira (DRT/PE-2654), Sara Brito, Débora Britto (Comunicadoras) e Eduardo Amorim. **O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações:** ActionAid, Habitat, Misereor/KZE, terre des hommes schweiz, Fundo Nacional sobre Mudanças no Clima (FNMC), Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), Programa das Nações Unidas (PNUD), Petrobras, ministérios do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário, Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC). **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:** Estúdio 8. **IMPRESSÃO:** Gráficas Flamar e Provisual **TIRAGEM:** 5.000 (cinco mil) exemplares.



A jovem agricultora Sandra mostra a fonte preservada

Reflorestamento recupera nascentes e produz alimentos

Sistemas Agroflorestais reafirmam missão de plantar mais vida para um mundo melhor

Por Wellington Gouveia

Na Agricultura Familiar de base Agroecológica, a preservação da água é estratégica para o desenvolvimento da produção de alimentos e a qualidade de vida das famílias agricultoras. Tanto, que nos municípios de Rio Formoso e Barreiros, na Mata Sul de Pernambuco, agricultores e agricultoras vêm reflorestando suas nascentes com os Sistemas Agroflorestais (SAFs). A preocupação é a de preservar as fontes de água dos assentamentos onde moram e produzem alimentos saudáveis para a família e para a população local.

A iniciativa recebeu o apoio do Fundo Socioambiental da Caixa Econômica e Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC) e resultou no reflorestamento de 31 nascentes. Foram plantadas 46 mil e cem mudas, totalizando uma área de 24.5 hectares reflorestados. Além de plantas nativas e frutíferas, as famílias também plantaram culturas consideradas de ciclo curto como feijão, milho, jerimum, macaxeira e batata-doce.

Das nascentes reflorestadas 24 estão localizadas em Rio Formoso no Assentamento

Amaraji. Estas alimentam o rio União que é responsável pelo abastecimento da comunidade e de cidades vizinhas. Estima-se que 30 mil famílias são beneficiadas diretamente com as águas do rio União.

Para agricultora Sandra Gomes do Assentamento Amaraji, Rio Formoso, a nascente que foi reflorestada em sua propriedade, tem um valor incalculável. “Começou com o meu Pai. Ele, preocupado com a estiagem e vendo a nascente secar, começou a participar das reuniões e cursos do Centro Sabiá, foi então que surgiu a oportunidade de fazer esse reflorestamento. Infelizmente ele não está mais entre nós, mas deixou as condições necessárias para continuarmos trabalhando com terra, pois temos água, terra boa e vontade de trabalhar”, explica ela.

A nascente recuperada na propriedade de Sandra Gomes tem 7.800m². Nela foram plantadas 1.300 mudas entre nativas e frutíferas de 35 espécies de plantas. Todas foram escolhidas com a família, na ocasião do planejamento da propriedade e da implantação da Agrofloresta.

O projeto Águas do Céu

O projeto Águas do Céu, que teve o apoio do Fundo Socioambiental da Caixa, proporcionou a recuperação das nascentes do município de Rio Formoso. A iniciativa recebe elogios dos parceiros locais. “Projetos como o Águas do Céu tem feito a diferença, garantido a sustentabilidade das famílias agricultoras”, avalia Jean Carlos, extensionista do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA).

Enquanto isso os governos procuram soluções para crise da água construindo projetos grandiosos. A solução, entretanto, está em cuidar melhor do nosso Planeta, passando pela preservação das nascentes, rios, lagos e águas subterrâneas. ■

“Começou com o meu Pai. Ele, preocupado com a estiagem e vendo a nascente secar, começou a participar das reuniões e cursos do Centro Sabiá”.



Sandra e a mãe na área da família

Margaridas em Marcha

A luta é por um projeto de sociedade que inclua as mulheres rurais

Por Sara Brito

A Marcha das Margaridas é uma ampla organização das mulheres do campo e das florestas, organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), Federações, Sindicatos e organizações parceiras. Sua 5ª edição acontece em 2015, nos dias 11 e 12 de agosto. O dia 11 representa a chegada das mulheres a Brasília, seguida por um processo de plenárias, oficinas temáticas, e momentos de intercâmbio entre as mulheres de várias regiões do país. O dia 12 é o da Marcha propriamente dita, e a tradicional entrega da pauta de reivindicações a Presidenta da República. Verônica Santana, secretária executiva do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR/NE), que também faz parte da coordenação da Marcha, fala sobre o evento.



Imagem: Reprodução dos materiais de comunicação da Marcha das Margaridas 2015



Dois Dedos de Prosa: Quais são os temas que entrarão em pauta na Marcha das Margaridas de 2015?

Verônica Santana: A avaliação que fazemos da Marcha é que ela é um processo e nós permanecemos basicamente com os mesmos temas da Marcha passada, apenas atualizando a pauta de reivindicações. Terra, água, agroecologia, direitos sexuais e reprodutivos, a reforma política. Temos que priorizar algumas questões nessa pauta da Marcha.

DDP: Como está sendo o processo de preparação e organização das mulheres para a Marcha?

VS: O lançamento oficial da Marcha foi em novembro último. Depois do lançamento oficial, todos os estados e as organizações fizeram



lançamentos estaduais. Agora é o momento de mobilização e articulação das mulheres para a Marcha. Continuamos com o desafio de reunir 100 mil mulheres. Mas temos que mobilizar um número bem maior para que todas consigamos alcançar, mesmo que não participem diretamente da ação, mas através de suas comunidades, nos seus locais, saibam que está acontecendo esse grande movimento, que as mulheres estão reivindicando e quais são suas demandas. É um grande processo de mobilização no país inteiro.

DDP: Quais foram as conquistas concretas impulsionadas pela Marcha?

VS: Temos como conquista da ação de 2011: as Unidades Móveis de Combate à Violência, que todos os estados receberam, com a proposta de

ir em todas as comunidades e discutir a violência, a Lei Maria da Penha. Elas vão nos espaços que as mulheres não têm acesso aos Centros de Referência das Mulheres, nem as delegacias, e levam um atendimento especializado, com psicólogos e advogados para as mulheres das comunidades rurais. Tivemos como conquista da Marcha de 2011, o pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff, de criação de uma política de Agroecologia, que foi a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). Estamos nos preparando este ano para o segundo plano. Isso também desafia a Marcha a trazer elementos para avançar. Mas têm coisas que a gente sabe que não avançou muito, como o crédito, o fomento, a questão de as mulheres terem seu papel reconhecido na comercialização, a gente vê que ainda é um desafio.

DDP: O compromisso do Governo Federal com a PNAPO, assumido após a Marcha de 2011, mostra a importância dessa mobilização. Como você vê a força política da Marcha das Margaridas?

VS: Eu vejo que temos um ganho. Se pegarmos a Constituição de 1988, lá nós não éramos nem consideradas trabalhadoras rurais. Não tínhamos nem essa profissão reconhecida, e hoje a gente se torna a maior ação das mulheres rurais na América Latina. Foi um grande avanço nesses anos de luta. A Marcha avança por ter essa grande mobilização, de pautar dentro do Governo um projeto de sociedade não só para as mulheres rurais, mas um projeto de sociedade incluindo as mulheres rurais. Hoje, grandes organizações de mulheres e organizações mistas fazem parte da Marcha; a Marcha Mundial de Mulheres, a Articulação das Mulheres Brasileiras, o Movimento de Mulheres Quebradeiras do Coco Babaçu, a Coprofam, que é uma organização que reúne os países do Mercosul. O grande avanço da Marcha é dar visibilidade às mulheres rurais como um sujeito político, organizado. A Marcha hoje é uma expressão até internacional e consegue pautar também o Governo. É uma marca muito importante na história de luta das mulheres rurais.

DDP: Durante todos esses anos de Marcha das Margaridas, que acontece desde 2000, o que mudou?

VS: Houve um processo de amadurecimento e de ampliação da nossa pauta. Em 2003, a Marcha era contra a pobreza e a violência, esses eram os dois grandes marcos da nossa luta. Depois a gente foi ampliando o nosso olhar e a nossa visão sobre o que gera a violência e a pobreza, e não só trazer essas questões de causa, mas do que propomos como saída para essas questões. Fomos ampliando para liberdade, para democracia. Hoje a nossa reivindicação é bem mais ampla. É um grande projeto de sociedade com uma perspectiva feminista e agroecológica. São fatos que mostram o nosso amadurecimento nesse processo. ■

**Para saber mais
sobre a Marcha
das Margaridas:**

www.transformatoriomargaridas.org.br

ATER Agroecologia

Caminhos para a Sustentabilidade

Projeto contribui para ampliar os processos de transição agroecológica na agricultura familiar

Por Aniérica Almeida/Alberto Barros/Ewerton França

Em outubro de 2013, o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) em conjunto com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) lançaram a Chamada Pública para seleção de projetos de ATER com foco na Agroecologia. O objetivo: consolidar e ampliar os processos de agroecologia existentes promovendo o desenvolvimento local e territorial. O edital, surge após ser instituída a Política Nacional de Agroecologia e de Produção Orgânica (PNAPO) e contou com a contribuição de diversas organizações da sociedade civil na sua elaboração.

De acordo com Alexandre Pires, coordenador geral do Centro Sabiá, a Chamada de ATER para a Agroecologia é uma conquista das organizações e movimentos sociais. “É também, uma oportunidade para o fortalecimento dessas centenas de experiências de base agroecológica em curso e para aquelas que estão em algum estágio de transição”, afirma ele.

Desde abril de 2014 que o Centro Sabiá executa três lotes do referido edital que estão distribuídos nas três regiões do estado de Pernambuco (Agreste, Sertão e Zona da Mata

O Público da ATER Agroecologia

O público atendido pelos projetos de ATER agroecologia foi ampliado, o que representa um avanço também. Além de agricultores e



Foto: Acervo Centro Sabiá

Atividade com famílias agricultoras do assentamento Amaraji- Rio Formoso – PE

Sul). Um dos destaques dessa chamada pública é o período de duração. Diferentemente das chamadas que vinham sendo executadas desde 2010, que era de um ano, esta da Agroecologia tem duração de três anos. Destaca-se ainda o

agricultoras familiares, também são beneficiados povos tradicionais como quilombolas, indígenas e incluiu áreas de reforma agrária. Outro avanço, foi garantir que, no mínimo, 50% do público beneficiário seja de mulheres. Vale destacar ainda a inclusão da juventude rural.

Para Dona Maria José do município de Tamandaré, Zona da Mata de Pernambuco, participar de um projeto como esse, é muito gratificante. “A gente nunca teve a oportunidade de participar de algo assim. As

processo educativo, cuja finalidade é buscar a ampliação dos processos de Agroecologia já existentes. Observando, inclusive, os diversos níveis de transição agroecológica em curso nos territórios.

reuniões são muito animadas a gente tem aprendido coisas novas sobre a agricultura”, destaca ela.

Como entraves, cabe ressaltar o reflexo das políticas de ATER pautadas no assistencialismo que ainda é presente. Muitas famílias apresentaram expectativas de “ganhar” algo do governo (recursos, máquinas, insumos etc...). Outra dificuldade foi obrigatoriedade de comprovar que eram agricultores e agricultoras familiares com a Declaração de Aptidão (DAP), do PRONAF. ■



Crianças da Escola José Faustino – Vila Nova – Caruaru/PE, beneficiada com a cisterna

Cisternas nas Escolas já em execução

Projeto beneficiará oito municípios do Agreste de Pernambuco

Por Alex Carvalho e Henrique Luiz

A proposta é levar o acesso à água para as escolas com problemas de escassez e trabalhar a Educação Contextualizada no Semiárido (ECSA) com a comunidade escolar que receberá o Projeto Cisternas nas Escolas. A iniciativa é da Articulação Semiárido (ASA) com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). O Centro Sabiá e mais 29 organizações do Semiárido começaram a executar o projeto. A instituição assumiu a execução em oito municípios do Agreste do estado, ficando com a responsabilidade de construir 83 cisternas de placas e orientar o uso adequado dessa água pela comunidade escolar.

“O trabalho das cisternas nas escolas é muito importante. Ele não leva apenas água para as crianças, leva uma educação diferente, que envolve elas, os professores e os pais, também.”, explica Vilma Machado, técnica do Centro Sabiá que compõe a equipe que acompanhará o Projeto Cisternas nas Escolas. A estratégia adotada para escolha das escolas, foi a que tem a maior quantidade de alunos. Entretanto, as cisternas não só beneficiarão os alunos, mas também a comunidade onde a escola fica localizada. Na Educação Contextualizada serão trabalhadas questões relativas ao bioma às práticas no meio rural e a agricultura familiar como lidar com a horta, os animais, conservar o solo, preservar a natureza.

Escola já experimentou o projeto

“Uma escola que não tem água, é uma escola onde não se pode trabalhar. Os alunos sabem da importância da cisterna, e até me ajudam a pegar água”.

O Projeto Cisternas nas Escolas foi experimentado pela ASA Brasil, em 2014, com o apoio da Pepsico. O Sabiá executou o projeto na região Agreste de Pernambuco. Naquele ano, além de outras tecnologias de captação de água da chuva, como cisterna calçadão e tanques de pedra, o Centro Sabiá executou a construção de duas cisternas nas escolas. Uma das escolas beneficiadas foi a José Faustino Vila Nova, que fica localizada no sítio Japecanga, área rural do município de Caruaru, Agreste de Pernambuco.

A escola já contava com uma cisterna menor, que havia sido construída ainda nos anos 70, quando foi inaugurada. Esta, porém, não dava conta da necessidade da escola. A nova cisterna tem capacidade para 52 mil litros de água. “Uma escola que não tem água, é uma escola onde não se pode trabalhar. Os alunos sabem da importância da cisterna, e até me ajudam a pegar água”, explica a professora Magda Regina.

A falta de água pode ser considerada como uma das causas da evasão escolar nas escolas rurais do Agreste do estado. Era comum encontrar escolas com cerca de 100 alunos, hoje em dia só existem 15, 20 alunos. Muitos pais procuram escolas da cidade, onde se encontra uma melhor estrutura.■

Juventude em PROSA

A Conferência Estadual de Juventude acontece em outubro

Desafios e perspectivas da participação
juvenil serão discutidas nesse espaço

Por Janaina Ferraz e Léo Machado*



Foto: Acervo Centro Sabiá

Juventude de Pernambuco se prepara para
a 3ª Conferência

Em 2015 acontecerá a 3ª Conferência Nacional de Juventude. Este é um espaço legítimo de elaboração de propostas de políticas voltadas para essa geração de brasileiros e brasileiras. Juventudes e movimentos sociais que atuam nessa área se organizam para dialogar, propor e defender suas pautas.

A 3ª Conferência também deve ser espaço de avaliação das Políticas Públicas de Juventude (PPJ) e dos governos apresentarem os resultados das ações desenvolvidas para e com esse segmento da sociedade.

Atualmente, a grande preocupação é de como se dará este processo no estado de Pernambuco. Isto porque desde 2012, o Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventude ainda não saiu da primeira gestão. Encontra-se desarticulado e sem representatividade oficial. A juventude pernambucana tem um papel estratégico na reivindicação para reestruturação do Conselho Estadual, para que de fato possa ser representada nas demais instâncias de participação popular no que se refere às juventudes.

*Janaina Ferraz – assessora para a juventude do Centro Sabiá
Léo Machado – Educador popular

Movimentos precisam se articular

Observa-se a necessidade dos movimentos sociais se articularem para retomar as pautas referentes às políticas públicas de juventude, para que estas de fato sejam efetivadas. Para Adriana Nascimento, da Fetape, um debate urgente que estará entre as prioridades é sobre o Estatuto da Juventude. “Para saber como a Juventude se enxerga dentro desse processo”, explica. A pauta da Agroecologia e da educação do campo também estão nessa lista. “Vamos provocar o governo sobre essas questões, inclusive com a construção da Carta da Juventude Rural, que deve ser entregue à presidenta Dilma. Mas não adianta só pautar nos ministérios, precisamos fortalecer nos espaços de construção municipais, estaduais para chegar no nacional. E se o governo se isenta desse processo não adianta só a sociedade civil assumir isso”, defende Adriana.

O Estatuto da Juventude representa a maior expressão da vontade popular, garantindo os direitos à cidadania, participação social e política, representação juvenil, educação, profissionalização, ao trabalho e à renda. A diversidade e igualdade, saúde, cultura, comunicação e liberdade de expressão, desporto e lazer, direito ao território e à mobilidade, sustentabilidade e meio ambiente, segurança pública e acesso a justiça, além da instituição do Sistema Nacional de Juventude. ■

Mais informações: www.juventude.gov.br

QUER
AJUDAR O
CENTRO SABIÁ?



DOAR:
UM GESTO DE
SOLIDARIEDADE
E CONFIANÇA

Caixa Econômica Federal

Banco Número: 104

Agência: 0923

Operação: 013

Conta Poupança: 17341-0

CNPJ: 41.228.651/0001-10

Ou acesse a nossa página

www.centrosabia.org.br

O Centro Sabiá nas redes sociais:



@centrosabia



facebook.com/centrosabia



youtube.com/sabiacentro



flickr.com/centrosabia



mais.uol.com.br/centrosabia